

AS RAÍZES HISTÓRICO-SOCIAIS DA FONOAUDIOLOGIA E SUA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

THE HISTORICAL-SOCIAL ROOTS OF SPEECH SCIENCE AND ITS INTERFACE WITH THE EDUCATION

Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi¹

Suzelei Faria Bello²

Henrienne Barbosa³

Amarílio Ferreira Junior⁴

Resumo: Este artigo visa recuperar as raízes histórico-sociais da Fonoaudiologia e sua interface com a Educação em uma obra do século XVII, “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, escrita pelo padre Alexandre de Gusmão. Os indícios das relações entre estas duas áreas de conhecimento foram buscados por meio de uma reflexão sobre o conceito de infância próprios da filosofia educacional jesuítica no período colonial brasileiro. A pesquisa é de cunho bibliográfico e os procedimentos metodológicos incluíram as seguintes fases: constituição do referencial teórico com base na literatura de referência do campo educacional e fonoaudiológico; leitura integral da obra compulsada e análise dos resultados à luz das teorias que fundamentaram a investigação. Conclui-se que tal obra liga Gusmão à proto-história da Fonoaudiologia brasileira, o que pode contribuir para a ampliação de estudos sobre a formação histórica dessa área e sua interface com a Educação.

¹ Doutora em Educação (UFSCar), docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Especial da UFSCar e pesquisadora do CNPq (dmch@ufscar.br). Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi - Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Ciência da Informação - Rod. Washington Luís, km 235 – Bairro Monjolinho - 13.565-905 – São Carlos - SP.

² Fonoaudióloga, Mestre e doutoranda em Educação Especial (UFSCar) (suzebello@gmail.com).

³ Jornalista, Doutora em Comunicação Social (UMESP) e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSCar) (henrienne1@gmail.com).

⁴ Doutor em História Social (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSCar) e pesquisador do CNPq (ferreira@ufscar.br).

Palavras-chave: Fonoaudiologia; História da Educação; Educação na Infância.

Abstract: This article aims to recover the social and historical roots of Speech Science and its interface with education in a seventeenth-century work, “*The art of education and the children in the age of puerícia*” written by Father Alexandre de Gusmão. The evidence of the relationship between these two areas of knowledge was sought through a reflection on the concept of childhood in the Jesuit educational philosophy of the colonial period in Brazil. The research is an bibliographic and methodological procedures included the following phases: establishment of the theoretical literature based on the literature of reference in the educational field and speech therapy; full reading of the work and analysis of results based on theories that supported the research. Finally, we conclude that this work connects Gusmão to the proto-history of Speech Science in Brazil, which may contribute to the expansion of studies on the historical formation of this area and its interface with education.

Keywords: Speech Science; History of Education, Childhood Education.

Desenrolando os fios da história

Quando olhamos para as relações que podem estar historicamente ligadas entre a Educação e a Fonoaudiologia, não podemos deixar de considerar os ensinamentos de Marc Bloch, quando este diz que:

É difícil imaginar uma ciência, seja ela qual for, que se possa abstrair do tempo. Contudo, para muitas daquelas que, por convenção, ainda o fragmentam em partes artificialmente homogêneas, o tempo não é mais do que uma medida. Sendo uma realidade viva e concreta volvida para a irreversibilidade do seu impulso, o tempo da história é, afinal, o próprio plasma em que banham os fenômenos, é como que o lugar de sua inteligibilidade (BLOCH, 1976, p.26-30).

A partir dessa perspectiva, buscaremos estabelecer as relações entre essas duas áreas de conhecimento, por meio de um estudo que visa compreender esta interface tomando como objeto de estudo uma obra do século XVII, “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, escrita pelo padre Alexandre de Gusmão⁵. Essa obra expressa uma concepção educacional e um conceito de infância próprios da filosofia educacional jesuítica, conforme referem Araújo e Toledo (2007; 2008).

Convém explicitar que a escolha dessa obra se justifica, *a priori*, pela relevância que exerce na História da Educação, pois pode ser considerada uma síntese de preceitos educativos elaborados em fins do século XVII. Além disso, ao focar os temas da educação escolar e familiar pode demarcar a interface Educação e Fonoaudiologia, pois são temáticas afetas a ambas as áreas.

Assim, neste estudo pretende-se colaborar para o avanço do conhecimento sobre a interface entre Educação e Fonoaudiologia, na tentativa de buscar as raízes histórico-sociais dessa relação na História da Educação brasileira, em particular na educação colonial jesuítica. Dessa forma, este estudo vislumbra preencher uma lacuna que se estabelece nas pesquisas sobre a formação histórica da Fonoaudiologia no Brasil, uma vez que essas pesquisas localizam suas raízes na segunda metade do século XX.

Nessa perspectiva situa-se o estudo de Berberian (2000) que, ao apontar os determinantes históricos que marcaram o início da prática profissional fonoaudiológica brasileira mostra que, no país, a Fonoaudiologia estruturou-se a partir de interesses políticos do Estado Novo, por meio de

⁵ A propósito, o padre Alexandre de Gusmão, nascido em Lisboa, em 1629, veio para o Brasil, com sua família, em 1644, aos quinze anos, e dois anos mais tarde ingressou na Companhia de Jesus, no colégio jesuítico do Rio de Janeiro, onde concluiu todos seus estudos, voltados à retórica, humanidades e teologia. Foi uma importante liderança dos jesuítas no Brasil do século XVII e início do século XVIII, além de contribuir com treze obras, entre guia de orações, sermões e livros.

práticas disciplinadoras da língua. No calor da luta de classes que marcou a Primeira República e o Estado Novo, como refere Patto (1995), ao prefaciá-lo o livro de Berberian (2000),

[...] a homogeneização da língua, por meio da escola e de seus especialistas, visava ao controle social, ao disciplinamento de corpos e mentes de imigrantes e de nativos pobres, à desmobilização política, em nome de uma ideia abstrata de nação, mas de fato a serviço do capital (PATTO apud BERBERIAN, 2000, p.16).

Por sua vez, Silva (2007, p.14), amparada nos estudos de Cunha (1986, p.149-151), menciona que as primeiras práticas que deram origem à Fonoaudiologia no Brasil podem ser observadas historicamente a partir de 1899, no quadro econômico e político da Primeira República, com a libertação dos escravos, a imigração dos trabalhadores, a valorização do café e a entrada das indústrias norte-americanas no país.

Não discordando de Silva (2007) e de Berberian (2000), quanto à institucionalização da formação profissional em Fonoaudiologia, o presente estudo lança a hipótese de que as raízes histórico-sociais da Fonoaudiologia podem ser buscadas na educação jesuítica colonial, por meio do estudo de uma obra jesuítica do século XVII que retrata a educação nesse período. Isto implica a necessidade de realizar análises e reflexões conceituais, no sentido de demonstrar que, apesar de a Fonoaudiologia no Brasil ter sido institucionalizada somente três séculos mais tarde, seus fundamentos e raízes histórico-sociais podem ser buscados nas bases da educação jesuítica.

A ação pedagógica dos jesuítas teve início com a aculturação dos povos indígenas, desencadeada pela Companhia de Jesus a partir de práticas de catequização. Ferreira Jr. e Bittar (2004, p.173) referem que, no Brasil do século XVI, predominava a pluralidade linguística, destacando-se o tupi (a língua “geral” *nheengatu*, falada por todos e de aprendizado obrigató-

rio para os jesuítas) e o português (restrito às casas de bê-á-bá mantidas pela Companhia de Jesus). Honório (2002) também apresenta explicação semelhante, ao referir que:

As primeiras décadas de contato europeu com a diversidade linguístico-cultural brasileira foram marcadas pela necessidade de aprender as línguas faladas neste território, condição para as práticas expansionistas. Esta tarefa centrou-se na figura da língua: pessoas enviadas ao Brasil para aprenderem a língua dos índios e servirem de guias nas expedições portuguesas. Com a entrada da Companhia de Jesus no país, foram os jesuítas que passaram a exercer este papel. Neste caso, a aprendizagem da língua vinculou-se às práticas de catequese (HONÓRIO, 2002, p.169).

Assim, nos primeiros séculos da colonização brasileira, a aculturação dos nativos processa-se lentamente por meio do idioma português,

[...] quando os jesuítas ensinavam os índios a falar português. O padre Anchieta informava seus superiores em Lisboa sobre o ensino do português aos índios, especialmente aos meninos, dizendo que eles aprendiam bem o português. Contudo, nestes primeiros séculos, a língua portuguesa encontrara em terras brasileiras um forte concorrente, o Tupi, uma língua franca, empregada em grande parte do território brasileiro. Essa *língua geral* era indispensável para a comunicação com os indígenas. Por outro lado, não só eles eram muito numerosos, mas eram também os que conheciam o país, levando assim vantagem sobre o colonizador português. (BIDERMAN, 2002, p.65).

Na visão de Ferreira Jr. e Bittar (2004), a cultura indígena foi cristianizada por meio da catequização, sendo que um elemento fundamental nesse processo foi a substituição da pluralidade linguística pelo uso do português, tornado hegemônico a partir do século XVIII.

É diante desse quadro teórico que nos propomos a investigar as raízes histórico-sociais da interface entre Educação e Fonoaudiologia, tendo como questão norteadora as seguintes indagações: como se caracterizam, na educação colonial brasileira, os aspectos históricos e sociais que revelam a interface da Educação com a Fonoaudiologia? A obra “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, de Alexandre de Gusmão, traz indícios dessa interface?

A pesquisa é de cunho bibliográfico e os procedimentos metodológicos incluíram as seguintes fases: constituição do referencial teórico com base na literatura de referência do campo educacional e fonoaudiológico; leitura integral da obra analisada, em busca de indícios que evidenciassem a relação entre o contexto histórico de sua produção e as raízes histórico-sociais da Fonoaudiologia; análise dos resultados à luz das teorias que fundamentaram a pesquisa.

Aspectos históricos da Educação e da infância no Brasil Colonial

Partindo do pressuposto de que a Educação é um processo dialético, é importante remeter ao entendimento de que os processos educativos podem ser desvelados por meio de uma análise histórico-crítica que leve em conta a vida material, a formação social, a visão ideológica do mundo e a estrutura de poder.

Por sua vez, ao nos propormos realizar um estudo de cunho histórico no contexto da Educação e da Fonoaudiologia, buscamos apoio na visão de Khulmann Jr. (1998, p.5), segundo a qual “o estudo do passado

pode sim suscitar reflexões que sirvam para aqueles que trabalham com a infância e a sua educação”.

Considerando que o objeto de estudo é a educação da criança no Brasil colonial do século XVII, é importante caracterizar essa criança como um “constructo social que se transforma com o passar do tempo em produto de forças históricas, geográficas, econômicas e culturalmente diversificadas” (HEYWOOD, 2004, p.21), remetendo ao entendimento de que a visão sobre a infância é social e historicamente construída (ROCHA, 1997).

Se, no cenário internacional, um dos autores que mais se destacaram no estudo da criança e da infância foi Philippe Ariès, que escreveu sobre práticas e representações da infância na Europa (ARIÈS, 1981) e possibilitou derivar outros trabalhos voltados à temática infantil, conforme constataram Araújo e Toledo (2007; 2008), no desenvolvimento da História da Educação Brasileira, o corpo de pesquisas realizadas sobre a educação infantil resultou na constituição de um campo de estudo consolidado, que tem como um dos precursores Gilberto Freyre (1900-1987).

Esse autor, em 1933, em um de seus trabalhos – o clássico “Casa Grande & Senzala” (FREYRE, 1978) – analisou a sociedade do Brasil colonial em seus aspectos econômicos, políticos, religiosos e sua formação patriarcal de colonização portuguesa, e expôs detalhadamente os cuidados dispensados à criança, independentemente de sua condição de escrava ou não. Ribeiro (2006, p.29), ao comentar essa obra de Freyre, afirma que esse autor, ao mencionar as crianças, cita “estudos e autores que se referem à criança do período colonial e do Império, mas são textos sobre as doenças mais comuns, a mortalidade infantil acentuada, as crendices, os costumes, o comportamento”. E entre as doenças que afligiam as crianças do Brasil colonial estava a gagueira, visto que “muito menino de formação

patriarcal sofria de gagueira; muito aluno de colégio de padre, também” (FREYRE, 1978, p.367).

Nessa passagem, a menção à gagueira – “que pode ser caracterizada por interrupções no fluxo da fala do indivíduo, impossibilitando, em alguns momentos, a produção da fala contínua, suave e sem esforço” (OLIVEIRA et al., 2010, p.115) – pode suscitar uma ligação, ainda que tênue, entre esse distúrbio da fluência e a educação. Embora Freyre (1978) enfatizasse que a gagueira não era um privilégio de classe, visto que atingia tanto os membros da casa grande (meninos de formação patriarcal) quanto os da senzala (alunos de colégio de padres), sabe-se que desordens da comunicação como a gagueira podem ter uma influência em todos os estágios da vida, por exemplo, durante a idade escolar, uma vez que crianças que gaguejam tendem a apresentar um desempenho abaixo da média, na escola, se comparadas aos seus colegas fluentes (FURQUIM et al., 2008). Como afirmam Araújo e Toledo (2008, p.143), a obra de Freyre teve vasta e variada influência; todavia, “poucos estudos sobre a infância dignos de nota daí derivam”.

Por sua vez, a questão da infância foi debatida, igualmente, por outros autores brasileiros da atualidade (DEL PRIORE, 2000; FREITAS; KUHLMANN Jr., 2002) que, por meio da organização de coletâneas, reuniram pesquisadores que analisaram o tema a partir de diferentes perspectivas. No plano da produção científica acadêmica são escassos estudos, mas as pesquisas de Pereira (2007) e Pereira (2008) mostraram que a visão de criança, para os jesuítas, concentrava-se em entendê-la como um ser livre e imperfeito, devendo ser submissa e dócil ao homem mais velho. Para os índios, de acordo com a relação social exercida na tribo, o que prevalecia também era a obediência aos mais velhos que tinham a função de transmitir a cultura indígena e as tradições.

Diante dessa descrição, Saviani (2007) aborda aspectos relevantes sobre a educação colonial, especificamente em Manuel da Nóbrega, cuja obra e atuação articulavam com clareza três aspectos das ideias educacionais: a filosofia da educação com as ideias entendidas em sua generalidade; a teoria da educação com os recursos materiais e procedimentos de ensino necessários para realizar o trabalho educativo; e a prática pedagógica com sua realização efetiva do processo de ensino-aprendizagem.

As estratégias de ensino que eram utilizadas no Brasil Colônia pretendiam atrair meninos indígenas, pela mediação dos meninos brancos, órfãos que vieram de Lisboa. A principal delas baseava-se em “agir sobre as crianças” com táticas desenvolvidas no ensino da língua, música e rituais cristãos junto com o objetivo de aproximar-se dos pais e converter toda a tribo para uma fé católica (SAVIANI, 2007).

Por sua vez, outro recurso pedagógico utilizado pela educação jesuítica foi o teatro. De acordo com Serafim Leite:

Os jesuítas, por preocupação escolar, e muito por inclinação nacional portuguesa, empregaram esforços meritórios para o estabelecimento e manutenção do teatro, com o duplo intuito de cultivar o gosto literário na Colônia e utilizar, na divulgação do Evangelho, do talento e da predisposição evidente dos índios para o movimento, para a oratória e para a música. Esse esforço facilitou as atividades educacionais dos jesuítas (LEITE, 1938, p.612).

Conforme relatam Ferreira Jr. e Bittar (2004), essa ação pedagógica pode ser considerada uma forma de impor o padrão linguístico português sobre as demais línguas. As encenações acabavam ridicularizando a cultura indígena, pois visavam ensinar a doutrina cristã. Porém, acabou por ocorrer uma “simbiose” do tupi com o português e, com o passar

do tempo, a hegemonia do português extinguiu a pluralidade falada por outros povos indígenas.

A musicalização também foi muito utilizada pelos jesuítas com o público infantil, pois a música possibilitava a fixação da doutrina cristã (PEREIRA, 2007). Esses missionários, dispostos a conquistar novos servos, encontravam na arte musical um meio de sensibilizar os indígenas, com melodias angelicais e harmoniosas.

Isso se refletiu também no plano de aprendizagem dos jesuítas que se compunha do ensino da língua portuguesa para os indígenas, o que, no âmbito do processo de colonização, pode ser tratado como “aculturação”, processo em que o colonizador transmite e insere sua cultura no objeto colonizado (SAVIANI, 2007; BERBERIAN, 2000). Como afirmam Gonçalves et al. (1998, p.6), os jesuítas, únicos representantes da Igreja naquele momento, “serviram de suporte ao desenvolvimento da cultura na colônia, por meio do monopólio sobre o ensino”. A “ação civilizadora” que fora a linha mestra da atuação jesuítica na colônia tinha na prática pedagógica um importante instrumento de consolidação.

A educação no Brasil Colônia foi marcadamente influenciada pela Companhia de Jesus, embora outras ordens religiosas também tenham tido participações relevantes. De acordo com Massimi (2004, p.40-41):

O trabalho desenvolvido pelos missionários da Companhia de Jesus, visando à criação de escolas para a formação de crianças indígenas e mestiças, no Brasil colonial, enquadra-se neste contexto: no projeto missionário da Companhia, através da educação será viável a transformação do homem, da cultura e da sociedade. [...] O homem em sua origem é, portanto, uma *tabula rasa*, e o seu desenvolvimento é um processo em que esta tabula poderá ser preenchida, dependendo do projeto de homem e de sociedade que será proposto, e eventualmente imposto.

Um exemplo da atuação dos jesuítas na educação pode ser encontrado no *Ratio Studiorum*, um plano geral de estudos elaborado para ser adotado por todos os colégios jesuíticos, constituído de regras e currículos cobrindo as atividades ligadas ao ensino. Foi promulgado pela Companhia de Jesus no ano de 1599; contudo, não contemplava com ênfase o período de alfabetização das crianças (SAVIANI, 2007; ARAÚJO, TOLEDO, 2007).

Porém, a partir do século XVII ocorreram profundas mudanças sociais, econômicas e políticas refletindo na educação, sendo principal o movimento da Contra-Reforma, ou seja, a resposta conservadora à igreja católica diante das propostas reformadoras do protestantismo que já se espalhava por toda a Europa. Isso significou instrumentar a ordem jesuítica na América para conter a Reforma por meio de missões da Companhia de Jesus, que promoviam a educação como um instrumento da catequese.

A oratória e a retórica fundamentando o campo da Fonoaudiologia e suas relações com a Educação

Em seu passado clássico, a Fonoaudiologia era considerada uma técnica intuitiva para trabalhar e pesquisar patologias da fala e linguagem. Demóstenes – um gago que corrigiu seus defeitos de dicção com uma terapia elaborada por ele mesmo, que consistia em colocar seixos na boca para tentar pronunciar as palavras da forma mais correta possível – é considerado o primeiro patologista da linguagem e fundador da oratória, arte ancestral da Fonoaudiologia. Como orador e político grego, Demóstenes utilizou a retórica em sua produção discursiva. No período clássico, falar foi vital. Essencial à democracia, a oratória era exigida aos homens públicos para convencer os outros com suas ideias políticas e filosóficas. Havia oradores profissionais especializados para tanto, os primeiros fonoaudiólogos clássicos. O estudo da linguagem já nasceria com uma Epistemologia. Na

Maiêutica de Sócrates, nos Diálogos de Platão, na Lógica de Aristóteles (IROS, 2006).

Lopes (1999) refere que no Brasil a oratória teve início com os povos indígenas, conhecidos como pessoas comunicativas e vibrantes e que apreciavam muito a arte da palavra, sendo que muitas vezes o chefe indígena era aclamado por ser bom orador.

Ainda no início do período colonial brasileiro há que se destacar a figura dos jesuítas, exímios oradores, conforme registra a história do Brasil, e precursores de grandes pregadores religiosos, como o padre Antonio Vieira.

No campo da Fonoaudiologia, a oratória é um ato comunicativo bem delineado e pode ser entendida como um dos repertórios possíveis de serem utilizados na clínica fonoaudiológica, com o objetivo de explorar práticas de elaboração do discurso, do uso da fala e da voz, voltadas à arte de convencer o ouvinte e de embelezar a fala. Por sua vez, a retórica é uma forma de comunicação em que a argumentação encontra-se presente e tem como característica trabalhar com os conteúdos e conceitos da comunicação.

Embora a origem da arte de persuadir esteja relacionada a questões judiciais - na Sicília grega, por volta de 465 a.C., Córax publicou a “Teoria Retórica” sobre a arte oratória, uma coletânea de uso prático para auxiliar as pessoas quando recorressem à justiça - a retórica estabelece interfaces entre diversos campos do saber e apresenta acepções diversas, envolvendo a arte do discurso; a linguagem simbólica; a organização, a coerência e consistência da fala; o encontro entre o filosófico e o prático; a função social que exerce (REBOUL, 2004; FONSECA, 1997; SMIT, 1997).

Ao tratar da multiplicidade de sentidos atribuídos à retórica, Joan Leach (2002) oferece três definições: o ato de persuadir, a análise dos atos de persuasão e uma cosmovisão sobre o poder persuasivo do discurso. Segundo Barthes (1975), a retórica é uma técnica, um ensino, uma ciência,

uma moral, uma prática social e uma prática lúdica. Para Reboul (2004), a retórica é a arte de persuadir, em que o conceito de verdade surge do encontro dos enunciados, contemplando funções dialógicas, entre as quais a persuasiva, a heurística, a hermenêutica e a pedagógica.

Tendo em vista a retórica ligada aos objetivos estabelecidos pela Igreja, nos primeiros anos da era cristã, dois aspectos devem ser considerados: (1) diante de sua função missionária, a Igreja não poderia deixar os meios de persuasão e comunicação nas mãos de adversários, (2) a própria Bíblia é essencialmente retórica, com suas metáforas, jogos de palavras, alegorias, antíteses, argumentações sintetizadas pelo convite de *Yahweh*⁶ ao ser humano: “Vinde, pois, e arrazoemos” (REBOUL, 2004, p.79). Assim, o cristianismo recorreu tanto à retórica judaico-cristã quanto à grega e à latina, nas quais se destacam os escritos de Aristóteles, Cícero e Tácito. A retórica desenvolveu-se com a pregação cristã, durante toda a Idade Média, e, a “partir do Renascimento, voltou aos cânones antigos, e seu ensino constitui o ciclo essencial de toda a escolaridade, tanto entre os protestantes e os jansenistas quanto entre os jesuítas” (REBOUL, 2004, p.79). É nesse período, em que o elo entre argumentação e oratória é rompido, que se desencadearia um processo de decadência e desvalorização da retórica.

Massimi (2008) destaca a relação entre a retórica sagrada, que fundamenta a prática missionária dos jesuítas, e a arte de educar. A partir do reconhecimento da importância do “ministério da palavra” nas pregações cristãs, prioriza-se a formação pedagógica de religiosos em retórica como fator eficaz e imprescindível no processo de doutrinação que incluía atividades de ensino. A retórica, aliás, estava presente no currículo do *Ratio Studiorum* – plano de estudos jesuíticos –, ao lado das humanidades e da gramática, como forma de garantir ao aluno uma expressão convincente.

⁶ Javé, ou Jeová, é o nome em hebraico de Deus, na Bíblia.

Na interface entre retórica e educação eclesiástica, estabelecida tanto na Europa quanto na América Latina, inclusive no Brasil, destacam-se as obras *Ecclesiasticae Rhetoricae sive de ratione concionandi libri tres* (1576), de Luís de Granada e *De arte rhetorica libri tres* (Coimbra, 1580), de Cipriano Soares. Ambos recorrem à retórica latina e aristotélica em seus escritos para fins didáticos (MASSIMI, 2008).

Aristóteles (1994) oferece um tratado psicológico sobre o auditório, destacando a força da palavra (*logos*), a importância do orador e seu impacto sobre o auditório (*ethos*) e a disposição criada nos interlocutores, na ação que o discurso exerce sobre eles (*pathos*). Aristóteles classificou três gêneros de discurso: o *deliberativo* ou *político*, que visa ao convencimento e consiste em aconselhar ou desaconselhar sobre um resultado futuro, relacionado ao útil ou prejudicial em tentativas de persuasão em assembleias políticas, por exemplo; o *judiciário* ou *forense*, voltado para o passado, que consiste em acusar ou defender com base no justo ou injusto, sendo típico de tribunais; e o *epidíctico* ou *demonstrativo*, voltado para o presente, que consiste em louvar ou censurar. Em seu Tratado Eclesiástico da retórica, Luís de Granada retoma a divisão dos gêneros propostos por Aristóteles, com adaptações. Já Cipriano Soares, no compêndio que publica, oferece um resumo da retórica latina e aristotélica que alcança centenas de reedições, pois integra o currículo dos colégios jesuítas (MASSIMI, 2008).

Raízes histórico-sociais da Fonoaudiologia na obra de Gusmão

Nesse cenário, insere-se a obra “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, do jesuíta Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724), publicada pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1685. Essa obra permite compreender o “ápice do projeto da Contra Reforma no que se diz respeito à educação infantil e à propagação do catolicismo, propondo também uma

reforma familiar”, de tal modo que, por meio desse livro, “pode-se ter a noção da implantação da religião cristã numa sociedade pagã e escravocrata” (ARAÚJO; TOLEDO, 2007, p. 325). Além disso, a obra expressa a filosofia educacional dos jesuítas e foi a primeira a tratar do tema referente à infância, escrita no Brasil. Nela, desenvolveu-se um pensamento sobre a civilidade e o cuidado das crianças; e a educação é vista como um processo que envolve vestuário, alimentação, boas maneiras e pais e educadores são responsáveis para formar um “adulto exemplar em suas tradições épicas” (VALEIRÃO, 2007, p. 6). De acordo com Pereira (2008), analisar obras como a de Alexandre de Gusmão permite avaliar o grau de influência da Companhia de Jesus não apenas na educação, mas em toda a sociedade brasileira da época.

“*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*” (1685) constituiu-se em um tratado educacional e está dividida em duas partes. A primeira, formada por dezenove capítulos, discorre sobre a importância da boa educação em si, mais voltada aos moldes cristãos, e ressalta a importância, para os pais e para a sociedade, da boa criação dos filhos. A segunda parte é constituída por vinte e cinco capítulos em que o autor prescreve como os filhos devem ser educados em diversos aspectos como amamentação, costumes, vícios, brincadeiras, disciplina, cuidado com a companhia, escolhas dos mestres e educação para o sexo feminino. Nessa parte, Gusmão dá ênfase à moral e à religião como pré-requisitos para uma formação obediente aos princípios da virtude e da prudência. Como referem Araújo e Toledo (2007, p. 324), ao comentarem a importância da obra como objeto de estudo no contexto da educação infantil, “no século XVII houve uma grande valorização da infância”. Isso ocorria, segundo os autores, porque, com as reformas religiosas, “a criança era tida como salvação da

humanidade, portanto, preservando e consertando-a seria possível mudar o rumo da humanidade”.

Vejam agora quais são os indícios da interface entre Educação e Fonoaudiologia, tomando como referência a segunda parte da obra de Gusmão, principalmente os capítulos XV e XXIV da parte dois, uma vez que estes oferecem subsídios que possibilitaram operacionalizar a relação da Fonoaudiologia com a Educação. No capítulo XV, denominado “Da boa eleição do mestre dos meninos”, são empregados alguns termos hoje utilizados na Fonoaudiologia, como “gago” ou “tartamudo”, ao recomendar, por exemplo, que “quando houvesse de estudar retórica, buscasse um mestre de bom exemplo, ainda que fosse gago ou tartamudo” (GUSMÃO, 2004, p. 232). Além disso, Gusmão ressalta que, para uma boa educação, haveria de existir um encontro de um mestre e uma boa oratória. Evidencia-se, aqui, um princípio da educação jesuítica no Brasil Colonial, segundo o qual a arte de bem falar se dá não apenas pela forma, mas pelo conteúdo, ou seja, pelo que é ensinado (o *Ratio Studiorum*) e o que é aprendido.

A tendência da concepção de educar os filhos com mestres competentes era uma preocupação da época, que incluía uma educação fundamentada em bons princípios e na retórica, conforme destacado na obra de Gusmão (2004, p. 232): “[...] que escolhesse para seus filhos meninos tal mestre do qual pudessem aprender, em primeiro lugar, os bons costumes e, em segundo lugar, a retórica”.

Também no capítulo XXIV, “Dos jogos e brincos dos meninos”, podem-se encontrar indícios da interface da Educação com a Fonoaudiologia; porém, envolvem consideravelmente uma abordagem paradigmática sobre o ato de explorar a utilidade do brincar e do brinquedo para a aquisição e desenvolvimento da linguagem como exercício de aprender. Conforme

acreditava Gusmão, essas atividades eram importantes “[...] não tanto por se divertirem a si, como pelos exercitarem a eles” (GUSMÃO, 2004, p. 284).

Vimos que, na trajetória histórica da “oratória” e da “brincadeira”, pode-se estabelecer uma linha, mesmo que tênue, com a Fonoaudiologia atual, pois são conceitos e atividades por ela trabalhados desde sua constituição. Assim, a obra de Alexandre de Gusmão, “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, remete a conceitos intrínsecos na Fonoaudiologia. De forma transversal, tais conceitos podem ser refletidos e dinamizados com um novo olhar retrospectivo que situa as raízes histórico-sociais da Fonoaudiologia no século XVII, ainda que se aceite que a profissão oriunda desse campo de conhecimento tenha sido construída apenas no século XX, conforme pontua Berberian (2000).

Mesmo que a Fonoaudiologia não tenha sua institucionalização no período colonial, pois sua constituição conceitual foi bem antes do marco oficial, nos anos 1970, ela pode ter sido marcada pelo poder da normalização da língua no início da colonização. O entendimento sobre o papel da Fonoaudiologia exige um diálogo com outras áreas de intervenção social, tendo em vista que uma prática dificilmente é totalmente pura, dada à natureza interdisciplinar dos trabalhos voltados a conhecer o “homem”. Assim, lançar olhares e atenções para contextos históricos em que conflitos socioculturais possam ter deixado registros que pontuem como eram articuladas questões que envolviam a língua, os modos de expressão, comunicação e linguagem, pode ser uma enriquecedora contribuição.

À guisa de conclusão

Ao finalizar o artigo, retomamos as questões que nortearam as reflexões deste estudo: como se caracterizam, na educação colonial brasileira, os aspectos históricos e sociais que revelam a interface da Educação

com a Fonoaudiologia? A obra “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, de Alexandre de Gusmão, traz indícios desta interface?

Responder tais questões implica necessariamente retomar alguns traços distintivos da própria História da Educação Colonial. Em primeiro lugar, há de se realçar a hegemonia pedagógica exercida pelas instituições escolares (casas de bê-á-bá e colégios) mantidas pela Companhia de Jesus durante 210 anos (1549-1759), cuja concepção de educação estava fundamentada no ensino das humanidades clássicas greco-romanas, que objetivava o pleno domínio da arte do falar bem a língua sagrada do cristianismo católico apostólico romano: o latim. Ao contrário dos cristãos reformados, que abandonaram o latim depois da tradução da Bíblia, empreendida por Martim Lutero (1534), o Concílio de Trento (1545-1563), a contrarreforma católica manteve a chamada Vulgata Latina, a versão da Bíblia feita por São Jerônimo (final do século IV d.C. e início do século V d.C.), como seu livro litúrgico oficial. Foi nesse contexto, de reformas e confirmações de dogmas religiosos, que a Companhia de Jesus, fundada em 1540, passou a evangelizar no âmbito do mundo secular. Os seguidores de Inácio de Loyola reuniam dois elementos fundamentais durante o processo de formação: a disciplina do corpo e da alma, por meio dos chamados Exercícios Espirituais, para enfrentar o “mundo dos pecados” representado pelo século; e a unitária e orgânica educação intelectual no âmbito das chamadas humanidades clássicas (retórica, filosofia e teologia), que estão consubstanciadas no *Ratio Studiorum*. Leonel Franca (1952, p.80), em sua famosa “*Introdução ao método pedagógico jesuítico*”, assim se referiu à formação educacional dos egressos que frequentaram os colégios da Companhia de Jesus:

O alvo a que mira a formação do Ratio – nisto em concordância incontestada com o ideal do século XVI – é a eloquência latina: *ad perfectam informat eloquentiam*. Levar o aluno a exprimir-se de maneira irrepreensível na linguagem de Cícero é o termo a que se subordinam todas as séries sabiamente graduadas do currículo. A gramática visa à expressão clara e correta; as humanidades, à expressão bela e elegante; a retórica, à expressão enérgica e convincente (FRANCA, 1952, p. 80).

Portanto, a educação jesuítica estava fundamentada em um processo pedagógico que objetivava formar o indivíduo com pleno domínio da arte do falar, isto é, do sujeito que, após o processo educativo sistematizado no *Ratio Studiorum*, fosse capaz de se expressar por meio de uma retórica cuja forma estava assentada, a um só tempo, na língua latina vernácula e na tradição bíblica judaico-cristã. Já em relação aos conteúdos, a arte do bem falar traduzia uma determinada concepção de mundo estruturada solidamente em dois vieses ideológicos que se complementavam: a filosofia tomista e a teologia católica apostólica romana.

Aqui entra a segunda questão que justifica a articulação do eixo explicativo do presente artigo, ou seja, os fundamentos históricos que articulam educação e fonoaudiologia desde o contexto histórico colonial brasileiro. A proposta pedagógica jesuítica, tanto quanto prescreviam as Constituições e o *Ratio Studiorum*, estava voltada para a escola secundária e, portanto, para os jovens que já tinham frequentado a escola da educação elementar. No caso das “terras brasílicas”, a ausência das instituições de ensino da educação elementar obrigou a missão jesuítica, desde o início, a organizar as escolas de bê-á-bá. Além disso, a partir do século XVII os colégios jesuíticos foram ficando cada vez mais estabelecimentos de ensino que acolhiam apenas os filhos das elites agrárias e escravocratas.

Por sua vez, A obra de Alexandre de Gusmão, “*A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*”, tinha como objetivo geral orientar as famílias da aristocracia colonial a educarem da melhor maneira possível seus filhos na infância, já que na fase da adolescência eles passariam a ser os jovens que frequentavam os colégios jesuíticos do período colonial brasileiro. Era, portanto, uma obra destinada à educação familiar, preparatória para a educação formal dos colégios inacianos, responsáveis pela formação dos dirigentes, civis e eclesiásticos, que governariam a sociedade agrária escravocrata brasileira com base em uma retórica que traduzia uma determinada concepção de mundo autoritária e conservadora. Daí sua vinculação com a proto-história da Fonoaudiologia brasileira.

Referências

ARAÚJO, V. F., TOLEDO A. C. A. O projeto pedagógico jesuítico na obra de Alexandre Gusmão (1629-1724). **Arq Mudi.**, v.11, Supl. 2, p.319-26, 2007.

ARAÚJO, V. F., TOLEDO A. C. A. Sobre a concepção de infância do padre Alexandre de Gusmão (1629-1724). **UEPG Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes, Ponta Grossa**, v.16, n.1, p.141-152, 2008.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1994.

BARTHES, R. A retórica antiga (La Rhétorique). In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BERBERIAN. A. P. **Fonoaudiologia e educação: um encontro histórico**. São Paulo: Summus, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002. p.65-82.

BLOCH, M. **Introdução à história**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

_____. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA JR, A.; BITTAR, M. Pluralidade linguística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI, **Educação e Sociedade**, Campinas, v.25, n.86, p.171-195, abril 2004.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas**. São Paulo: Agir, 1952.

FREITAS, M. C.; KUHLMANN, JR. M. (Org.) Os intelectuais na história da infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.117, p.249-252, 2002.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

FONSECA, I. B. B. A retórica na Grécia antiga: o gênero judiciário. In: MOSCA, L. do L. S. (Org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH/USP, 1997. p. 99-117,

GONÇALVES, R. A.; MAIA, I.; SANTOS, M. A. C. dos; SCHLEUMER, F. **Luzes e sombras sobre a colônia**: educação e casamento na São Paulo do século XVIII. São Paulo: Humanitas, 1998.

GUSMÃO de A. **A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia**. Ed., apes. e notas de R. P. Venâncio e J. M. Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância**: da idade média a época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HONÓRIO, M. A. Novas leituras sobre o Brasil: a construção de um saber lexical no processo de escolarização indígena. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002. p.163-190.

IROS. INSTITUTO DE REABILITAÇÃO ORGÂNICA E SENSORIAL. **Histórico da Fonoaudiologia**. Disponível em: <<http://www.iros-fonoaudiologia.med.br/conhecimento.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

KHULMANN, JR. M. **Infância**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Meditação. 1998.

LEACH, J. Análise retórica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p.293-318.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, tomo II, século XVI – A. Obra. Lisboa: Portugália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LOPES, V. **Oratória e fonoaudiologia estética**. Carapicuíba-SP: Pró-Fono, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1998.

MASSIMI, M. Delectare, movere et docere: retórica e educação no Barroco. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.17, p.54-59, 2008.

_____. As ideias psicológicas na produção cultural da Companhia de Jesus no Brasil do século XVI e XVII. In: MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. **História da Psicologia no Brasil**: novos estudos. São Paulo: Cortez, 2004. p.27-47.

OLIVEIRA, C. M. C. . et al. Orientação familiar e seus efeitos na gagueira infantil. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v.15, n.1, p.115-24, 2010.

PEREIRA, E. C. **Os curumins da terra basílica: a educação da criança no século XVI e a pedagogia jesuítica.** 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PEREIRA, A. de C. D. **Aspectos da pedagogia do século XVII: um estudo comparativo entre João Amos Comênio e Alexandre de Gusmão.** 2008. 107f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

PRIORE, M. del (Org.) **História das crianças no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

REBOUL, O. **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da colônia à república velha. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.1, p.29-38, jan./abr. 2006.

ROCHA, E.C. Infância e pedagogia: dimensões de uma intrincada relação. **Perspectiva**, Florianópolis, v.15, n.18, p.21-33, 1997.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SMIT, D.W. The uses of defining rhetoric. **Rhetoric Society Quarterly**, v.27, n.2, p.39-50, 1997.

VALEIRÃO, K. **Sobre uma possível aproximação entre Alexandre de Gusmão e John Locke.** Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2006/arquivos/CH_00540.rtf>. Acesso em agosto de 2008.

